

Da fala à escrita: a ditongação em sílabas com coda preenchida por /S/ ou /l/

Matheus Esteves Leite

Fabiane de Mello Vianna Nascimento^(*)

Introdução

As línguas são heterogêneas e comportam em si inúmeras formas de expressar um mesmo conteúdo e de atingir seu objetivo maior: a comunicação. Elas se mostram vivas, criativas e capazes de gerar registros, como a escrita. Na maioria das civilizações consideradas letradas – senão em todas –, a fala precedeu a escrita como forma de interação. A primeira é adquirida de modo mais natural e representa um elemento indiscutível da identidade de uma comunidade; a segunda, por outro lado, é guiada por convenções e costuma carecer de um aprendizado mais formal, ao menos inicialmente.

A ortografia oficial de uma língua não costuma se pautar exclusivamente em parâmetros fonético-fonológicos. Para Câmara Jr. (1970) e Lemle (1982), a relação entre fone, fonema e grafema no português do Brasil (PB) não é biunívoca, isto é, não há uma correspondência fiel entre letras e sons (fones), podendo dificultar a transcrição grafemática dos sons (re)produzidos, gerando desvios.

Partindo desses e de outros pressupostos apresentados nos próximos capítulos, este artigo pretende analisar o impacto, na escrita não-padrão, da ditongação em sílabas cuja segunda posição de coda é preenchida pelo arquifonema /S/ ou pelo fonema /l/. Almeja-se identificar a relação entre oralidade e escrita, no âmbito fonético-fonológico, com a inserção da letra <i>, em sílabas travadas por /S/, e a representação do fonema /l/ como <u>, em itens como “desfez” – [dejʃˈfejʃ] e “revoltas” – [Xeˈvɔwtajʃ], respectivamente. Visa-se demonstrar a interferência desse comportamento na grafia das palavras, tendo em vista um *corpus* com dados coletados de produções textuais que circularam virtualmente e outras escritas por alunos de diferentes níveis de escolaridade (Fundamental e Superior).

(*) Matheus Esteves Leite é licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: matheus-esteves2000@hotmail.com. Fabiane de Mello Vianna Nascimento é Professora Adjunta A de Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Comunicação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: fabyufrj@gmail.com

Para tanto, sucedendo essa breve introdução, no próximo capítulo, serão discutidas as relações entre fala e escrita, aliando preceitos de Rey-Debove (1996), de Marcuschi (2010) e de Kato (2004). No capítulo seguinte, serão descritos os processos fonético-fonológicos (metaplasmos), contemplando tanto a epêntese (ou inserção) de uma semivogal após a vogal silábica, quanto a transformação de um som consonantal em outro de natureza vocálica. Os dois processos resultariam na ditongação, decorrente, ora das diferentes realizações fonéticas de sílabas travadas pelo arquifonema /S/, ora da vocalização do fonema /l/, em segunda posição de coda.

Por fim, os capítulos seguintes focalizarão, respectivamente: i) a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa; ii) a análise dos dados que constituem a amostra; iii) a discussão dos resultados; e iv) as referências que nortearam a proposta.

Relação fala e escrita

As acepções de “fala” e de “escrita” aludem a formas e atividades comunicativas. A distinção entre elas engloba, particularmente, aspectos estruturais e discursivos, ou seja, os modos pelos quais se representa a língua enquanto sistema (MARCUSCHI, 2010). Relacioná-las, em qualquer língua, é complexo e necessita de mais atenção dos pesquisadores. Tendo em vista dados do francês, Rey-Debove (1996) sugere quatro diferentes parâmetros para essa atividade (cf. Quadro 1).

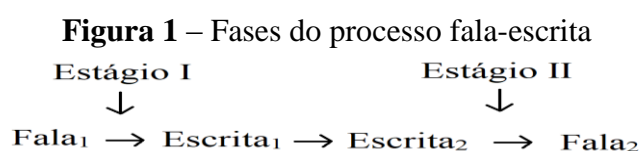
Quadro 1 – Níveis de análise da relação entre fala e escrita

Expressão		Conteúdo	
Substância	Forma	Substância	Forma
Materialidade linguística; correspondência letra-som; idioletos e dialetos.	Signos falados e escritos; correspondência entre grafia e pronúncia.	Realizações linguísticas equivalentes do ponto de vista pragmático (do uso situacional).	Unidades significantes (expressões, sintagmas); realizações diferentes na fala e na escrita.

Fonte: Adaptado de Rey-Debove (1996 *apud* MARCUSCHI, 2010, p. 50)

Depreende-se do Quadro 1 que os aspectos sonoros e gráficos são parte fundamental dentro dessa engrenagem. Complementando essa perspectiva, Marcuschi (2010, p. 49) destaca que o ato de transcrever é, essencialmente, “passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica”, o que requer certo nível de grafemologia, isto é, do estudo das letras e de suas correspondências com sons.

A escrita oriunda da fala natural e espontânea tende a se afastar dos parâmetros normativos e a refletir comportamentos fonéticos; a padrão ou culta envolve o relacionamento entre aspectos da oralidade e da grafia, o planejamento e a esquematização da colocação correta de palavras ou ideias, articulados pelas prescrições da gramática normativa, além da aplicação dos princípios do sistema alfabético, que remetem à adequada relação entre fonemas e grafemas em respeito às normas ortográficas vigentes (MARCUSCHI, 2010; ROBERTO, 2016, p. 150-156). O ato de escrever contempla, portanto, o mecanismo da atividade em si e a expressão do conteúdo (cf. Quadro 1), estabelecendo uma conexão entre palavra falada e palavra escrita. Para Kato (2004), essa relação passa por dois estágios (cf. Figura 1). No primeiro, tenta-se representar aquela através dessa. Já no outro, o oposto ocorre: a fala simula a escrita. Em ambos os casos, a equivalência é parcial, devido às peculiaridades de cada modalidade.



Fonte: Adaptado de Kato (2004, p. 11).

A princípio, a fala₁ resultaria de um processo de imersão direta do indivíduo em sua língua materna. Em seguida, a escrita₁, nas fases iniciais do letramento, sofreria interferências mais expressivas dessa fala e incluiria aspectos prosódicos (como pausas, hesitações e entonação), que acarretariam, por exemplo, desvios de pontuação, já que a norma-padrão ainda não está dominada. Por meio da ampliação do letramento e de instruções formais, surgiria a escrita₂, constituída por parâmetros gramaticais prescritos pela norma-padrão, como a conjugação de verbos, o uso de pontuação e as regras de concordância. Por fim, a fala₂ seria mais influenciada por essa escrita convencional. Dessa forma, os mais letrados tenderiam a incluir, em suas práticas de oralidade, usos mais produtivos na escrita padrão ou culta, enquanto os menos letrados tenderiam a se aproximar mais da fala coloquial nas mesmas práticas.

Acredita-se que o fenômeno da ditongação seja mais recorrente na transição da fala₁ para a escrita₁ do processo proposto por Kato (2004). Nota-se a inserção da semivogal [j] em vocábulos com coda preenchida por /S/, sobretudo em dialetos, como o carioca, em que as pronúncias palatais ([ʃ] e [ʒ]) predominam. Tal fato não é previsto na escrita padrão⁴. Além

disso, em sílabas travadas pela lateral /l/, é comum a pronúncia [w] na esmagadora maioria dos dialetos do português do Brasil, embora a norma-padrão determine o emprego do grafema <l> (COLLISCHONN, 2014). Tais registros gráficos intensificam o “entrecruzamento de fala e escrita”, sendo interpretado como “uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 18).

Processo fonético-fonológico: a ditongação

A ditongação pode ser interpretada como um tipo de metaplasmo de aumento, pois envolve a inclusão de uma semivogal na palavra, mas também de transformação, por alterar a configuração original da sílaba.

Por exemplo, na última sílaba de "desfez", é comum a inserção da semivogal alta anterior [j] entre a vogal média-alta anterior [e] e o /S/. Em itens como "estatal", quando há vocalização do /l/, também há, por conseguinte, uma ditongação. Esse acréscimo muda a quantidade de fones e pode interferir também nos planos fonológico e grafemático, mas sincronicamente sua ocorrência não interfere no sistema fonêmico da língua, permanecendo, assim, restrita ao plano fonético e à escrita menos padronizada. Ele pode ter motivações diversas: i) estritamente linguísticas – como os contextos fonéticos, a velocidade da fala, o tamanho da palavra –; ii) sociolinguísticas – como o sexo, a região de nascimento/residência, o nível de escolaridade, entre outras características do informante –; ou mesmo iii) estilísticas – como o registro, o nível de formalidade e outras propriedades da situação comunicativa.

As principais motivações estruturais são a tonicidade e a extensão da sílaba, sendo mais frequente em monossílabos tônicos. Destaca-se, contudo, a possibilidade de ocorrer em outros contextos semelhantes aos das sequências “revoltas” ([Xe’vɔwtajf]) e “português” ([poXtu’gej]), em que diversos dialetos do PB palatalizam o /S/. A esse respeito, Câmara Jr. (1970, p. 100) afirma:

No português moderno deve-se a ditongação em dois casos: 1. vogal tônica em hiato, quando a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicado na grafia moderna (ideia, veia); b) média posterior fechada com o desenvolvimento de um ditongo /ôw/ não indicado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação do ditongo /ôw/ - boa – bôwa. 2. Dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos de pospositiva /y/, pás, és, fez, sós, flux, cãs, pronunciadas /pays, feys, sóys, fluys/. Dá-se então a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção, no caso 2, por exemplo – pás e pais; sós e sóis, flux e fluís, cãs e cães.

Como se verifica, o fenômeno é bastante frequente nas vogais tônicas finais em sílabas travadas por /S/. O *glide* presente nesses ditongos surge, segundo Bisol (2001), de um processo assimilatório, que consiste no espraçamento do traço secundário da consoante palatal pela vogal imediatamente anterior. Por exemplo, nas palavras “três” ([ˈtrejʃ]) e “mas” ([ˈmajʃ]), a ocorrência dessa assimilação regressiva promove a inserção da semivogal [j], devido ao fato de esta semivogal possuir um traço alto, compartilhado com a consoante palatal. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 154) postulam a regra que apresenta a epêntese do *glide* anterior [j] em contexto subsequente a uma vogal tônica e precedente a uma consoante coronal estridente ([ʃ]), em final de sílaba no PB, em termos como “vós”, “fez” e “três”. Nas palavras das autoras,

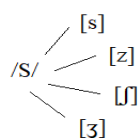
essa regra prevê que haverá a inserção de um segmento [-silábico, -consonantal, +alto, -recuado, -arredondado], ou seja, [j], quando uma consoante [+cor, +estr] em posição final de sílaba for antecedida por uma vogal acentuada. (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 154).

Para Bisol (1994), o processo por meio do qual o *glide* é inserido em palavras como “peixe” e “dourado” é muito similar àquele que cria o *glide* presente em certas variedades de fala do português, em itens como “três” ([ˈtrejʃ]) e “fez” ([ˈfejʃ]), por exemplo. Neles, a consoante /S/, presente na coda, também possui o ponto de articulação vocálico, independentemente de sua realização, como palatal ou não. Mais especificamente,

o nó vocálico, que origina a palatalização destas sibilantes (um arquifonema), independentemente de sua manifestação fonética, é responsável pelo glide que se forma tanto em dialetos em que esse arquifonema se superficializa como palatal, quanto em dialetos em que se manifesta como coronal anterior (BISOL, 1994, p. 135).

As diferentes realizações fonéticas do arquifonema /S/ (cf. Figura 2) favorecem, portanto, o fenômeno de ditongação.

Figura 2 – Diferentes realizações fonéticas do arquifonema /S/



Fonte: Elaborada pelos autores.

Nesse sentido, pode-se dizer que, no PB, há uma tendência em se manifestarem ditongos leves precedendo o arquifonema /S/ em coda, uma vez que possui apenas uma vogal em sua estrutura profunda (BISOL, 2001).

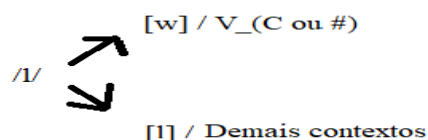
Cumprem, enfim, alguns esclarecimentos sobre outro metaplasmo de transformação que leva à ditongação: a vocalização de /l/, em sílabas por ele travadas. Foneticamente, consoantes laterais são sons da fala em cuja articulação a corrente de ar de modo egressivo escapa por um ou pelos dois lados da boca, devido à elevação da parte frontal da língua e à sua posição central na cavidade oral (CAGLIARI, 2007). Dentro do sistema fonológico do PB, distinguem-se dois tipos de consoantes laterais em posição de *onset* silábico, isto é, em posição pré-nuclear, no início de sílaba: a que apresenta uma articulação dental ou alveolar, referindo-se à lateral alveolar [l] (“língua”, “estrela”); e a que se articula na região posterior ou palatal, correspondendo à lateral palatal [ɭ] (“palha”). Entretanto, na posição pós-vocálica, a consoante lateral não se apresenta propriamente como alveolar, vocalizando-se na maioria dos dialetos do português do Brasil. Nesses casos, “a elevação do dorso da língua não chega a interromper a corrente de ar e há um concomitante leve arredondamento dos lábios” (CÂMARA JR., 1977, p. 41).

Como indica a Figura 3, a vocalização do /l/ se caracteriza, portanto, como um processo fonético-fonológico pelo qual uma consoante é transformada em vogal ou semivogal quando ocupa a coda silábica, esteja a sílaba no interior (“solte”) ou no final do vocábulo (“mal”).

Collischonn (2014, p. 90) explica que esse processo de enfraquecimento da consoante, passando do som [l] para [w], é natural, causado pelas características do nosso aparelho fonador, já que

a consoante [l] é um som articulado com a língua levantada, próxima do céu da boca. Essa posição da língua é parecida com a posição que a língua assume na pronúncia do [y]. Quando está em fim de palavra, como *sol*, *mel*, ou antes de uma consoante, como em *solta* e *belga*, a articulação da consoante se enfraquece. [...] Esse som consonantal enfraquecido é percebido pelos falantes como próximo de [y] e eles, dessa forma, começam a substituir um pelo outro, inicialmente, de forma mais esporádica e, aos poucos, de forma mais sistemática. É o que causa a mudança sonora em uma língua.

Figura 3 – Realização do fonema /l/ em contextos específicos



Fonte: Elaborada pelos autores.

A transformação da consoante lateral dental [l] em uma semivogal alta posterior arredondada [w] em posição pós-nuclear ocasiona os ditongos [aw], [ew], [ɛw], [iw], [ow] e [ɔw], como mostram os vocábulos “sal” (s[aw]), “descartável” (descartáv[ew]), “mel” (m[ɛw]), “mil” (m[iw]), “colcha” (c[ow]cha) e “revoltas” (rev[ɔw]tas).

Discutidas essas questões, o próximo capítulo focaliza a metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa.

Metodologia

Este capítulo esclarece como se desenvolveu a presente pesquisa, descrevendo a metodologia adotada para a constituição do *corpus* e para sua análise. Em linhas gerais, foram realizados os seguintes procedimentos: (a) consulta à bibliografia especializada; (b) busca e seleção de dados; (c) transcrição fonética e digitação das ocorrências; e (d) análise dos resultados.

Cumprido frisar que, devido à dificuldade de encontrar registros escritos que refletissem metaplasmos em tempo hábil, optou-se por coletar dados de diferentes espaços e por não os restringir a nenhum gênero específico. Foram, então, reunidas oito (8) produções que circularam *online*. Elas incluem: i) anúncios em geral; ii) *status* e conversas da rede social *Whatsapp*; e iii) postagens no *Facebook* e no *Instagram*. Observaram-se, ainda, dados extraídos de: i) seis (6) textos – uma dissertação e cinco respostas a avaliações – produzidos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro; e ii) uma resposta à avaliação, redigida por uma graduanda em Letras de uma universidade pública federal.

Por se tratar de uma amostra pequena, decidiu-se analisá-la qualitativamente. Sobre esse tipo de abordagem, Bogdan (1982 *apud* TRIVIÑOS, 1987, p. 128) tece cinco comentários:

- 1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave;
- 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva;
- 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;
- 4º) Os

pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Assim, o foco desta pesquisa está no caráter exploratório e descritivo, buscando demonstrar a relação entre fala e escrita no PB, em contextos favoráveis à ditongação na modalidade oral: sílabas com coda preenchida por /S/ ou /l/, independentemente do grau de monitoramento.

A partir dos resultados de outros estudos a respeito desse fenômeno, postularam-se, enfim, três variáveis como possíveis motivações para os registros encontrados: i) o gênero textual; ii) a extensão dos vocábulos; e iii) a tonicidade da sílaba em que o (arqui)fonema se encontra. Adiante, tecem-se alguns comentários a respeito de cada uma delas, bem como das suas respectivas variantes.

a) *Gênero textual*

Para Bortoni-Ricardo (2004), em contextos de maior monitoramento estilístico, as produções textuais de um indivíduo podem sofrer influência de alguns fatores específicos como: i) o ambiente, ii) o interlocutor e iii) o tópico da conversa. Esses fatores dialogam também com o gênero em que a comunicação se apresenta, pois alguns tendem a ser mais ou menos espontâneos. O Quadro 2 apresenta os gêneros de que os dados analisados nesta pesquisa foram selecionados.

Como as produções que circulam em redes sociais costumam ser menos monitoradas, acredita-se que, nelas, a probabilidade de o fenômeno da ditongação se apresentar na escrita seja maior. Em contrapartida, nas redações escolares ou nas respostas a avaliações, a preocupação com padrões normativos seria mais evidente e a equivalência entre fala e escrita menos recorrente. Nesse último contexto, cogita-se, enfim, a possibilidade de o nível de escolaridade interferir, já que estudantes do Ensino Fundamental seriam menos letrados e mais suscetíveis a cometer desvios, em comparação com aqueles graduados ou graduandos, considerados cultos sociolinguisticamente.

Quadro 2 – Variantes da variável Gênero textual

Variável	Variantes
Gênero Textual	Textos de um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental
	Texto de uma aluna do Ensino Superior
	Anúncios
	Status/Conversas da rede social <i>Whatsapp</i>
	Publicações na rede social <i>Facebook</i>

	Publicações na rede social <i>Instagram</i>
--	---

Fonte: Elaborado pelos autores.

b) Extensão dos vocábulos

Callou (2009, p. 147) entende que a formação de ditongos em sílabas travadas por /S/, na fala, seja um processo variável sobre o qual atua, entre outros condicionamentos, a extensão do vocábulo, ocorrendo “prioritariamente em vocábulos monossilábicos”. Este trabalho pretende verificar se a quantidade de sílabas da palavra também motiva a ditongação na escrita, considerando sequências com coda preenchida por /S/ e /l/ e as variantes indicadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Variantes da variável Extensão dos vocábulos

Variável	Variantes
Extensão dos vocábulos	Monossílabos
	Dissílabos
	Trissílabos
	Polissílabos

Fonte: Elaborado pelos autores.

Acredita-se que a extensão da palavra seja um fator relevante para a ditongação e que o aumento do número de sílabas seja inversamente proporcional à probabilidade de ditongação. Assim, itens monossilábicos e dissilábicos seriam mais propensos à inserção de uma semivogal entre a vogal silábica e a consoante em coda, enquanto em trissílabos e polissílabos esse comportamento não seria tão produtivo.

c) Tonicidade das sílabas

Conforme se comentou no capítulo 3, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 154) propõem uma regra que indica a inclusão de [j], entre uma vogal acentuada e uma consoante [+cor, +estr] em coda. Esta pesquisa pretende verificar se tal comportamento se estende a dados de escrita e aos casos em que a coda é preenchida por /l/, tendo em vista as variantes elencadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Variantes da variável tonicidade das sílabas em que /S/ e /l/ se apresentam

Variável	Variantes
Tonicidade das sílabas	Tônicas
	Pretônicas
	Postônicas não-finais
	Postônicas finais

Fonte: Elaborado pelos autores.

Parte-se dos pressupostos de que: i) “em muitas línguas, as sílabas pesadas atraem o acento” (QUEDNAU, 2004, p. 126); e ii) em diversos dialetos do PB, a ditongação é frequente, quer pela inserção de uma semivogal [j] diante de /S/, quer pela pronúncia vocalizada do fonema /l/. Por conseguinte, independentemente do elemento que preencha a coda, especula-se que a maioria dos dados de ditongação na escrita presentes no *corpus* se manifeste em estruturas tônicas.

Análise dos dados

Este capítulo descreve e analisa qualitativamente os dados que compõem a amostra, ou seja, aqueles em que se incluem os grafemas <i> ou <u> para representar a ditongação em sílabas travadas por /S/ ou /l/, na escrita. A amostra inclui dezessete (17) ocorrências, extraídas de oito (8) produções, relativas ao domínio virtual, e de textos redigidos por um aluno do Ensino Fundamental e por uma estudante com Ensino Superior em curso. Engloba, ainda, gêneros distintos. Na Tabela 1, reúnem-se algumas informações sobre a distribuição geral das ocorrências.

Tabela 1 – Distribuição geral dos dados do *corpus*

Gênero do texto-base	Quantidade de textos	Ocorrências de ditongação na escrita	
		Diante de /S/em coda	Diante de /l/ em coda
Textos de um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental	6	3	5
Textos de uma aluna do Ensino Superior	1	1	-
Anúncios	1	1	-
Status/Conversas da rede social <i>Whatsapp</i>	3	-	3
Publicações na rede social <i>Facebook</i>	2	2	-
Publicações na rede social <i>Instagram</i>	2	1	1
Total		8	9

Fonte: Elaborada pelos autores.

Cumprе esclarecer que apenas os gêneros anúncios, *status* e conversas do *Whatsapp* e publicações no *Facebook* e no *Instagram* foram coletados do espaço virtual. Os registros foram separados, enfim, tendo em vista o segmento que ocupa a posição de coda silábica: /S/ ou /l/.

Adiante, serão discutidas as ocorrências de ditongação diante de vogal travada pelo arquifonema /S/, ou seja, aquelas em que se insere a semivogal [j] entre a vogal e consoante.

Sobre os dados, foram encontradas oito (8) ocorrências de ditongação nesse contexto. Elas se distribuem pelos seguintes gêneros: i) publicações nas redes sociais *Facebook* (2) e *Instagram* (1); ii) anúncio (1); e iii) textos produzidos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental (3) e por uma discente do Ensino Superior (1). Manifestam-se, enfim, em sete (7) itens lexicais diferentes: “mas”, “pôs”, “três” (2), “fez”, “desfez”, “nós” e “vós”.

Aparentemente, nos vocábulos “mais” e “pois”, tais produções correspondem a casos de hipercorreção, já que envolvem homônimos heterógrafos. No primeiro caso, no lugar da conjunção adversativa “mas”, encontra-se o advérbio de intensidade “mais”. Já no segundo a conjunção explicativa e/ou conclusiva “pois” foi empregada em um contexto em que deveria se apresentar a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo “por” (“pôs”).

Em “três”, trata-se de um monossílabo tônico, cujo núcleo é a vogal média-alta /e/. Sabe-se que, embora a escrita padrão desse numeral cardinal seja “três”, em diversos dialetos do PB, a ditongação se apresenta na pronúncia, sendo incluída uma semivogal [j] entre o núcleo silábico e a coda.

De modo semelhante, os itens “fez” e “desfez” também são suscetíveis à ditongação na pronúncia, interferindo na escrita de sujeitos menos letrados, como um discente do sexto ano do Ensino Fundamental. Apesar de se classificarem, respectivamente, como monossílabo e dissílabo, o segundo item (“desfez”) parece sofrer influência do primeiro (“fez”), pois o antônimo é formado a partir da inclusão do prefixo “des-” à sequência original. Mais especificamente, o entendimento de que “fez” deve ser grafado como <feiz> ou <feis> levaria à grafia <desfeiz> ou <desfeis>. Cumpre observar, todavia, que, na primeira sílaba do vocábulo analisado, também há um travamento silábico por arquifonema /S/ (“des-”: /dES/), mas em contexto pretônico. Nesse caso, não houve alteração, por parte do informante, no que tange à ortografia oficial do prefixo.

Em “nóis” e “vóis”, trata-se dos pronomes pessoais “nós”, e “vós”, respectivamente, atuantes em diferentes gêneros textuais: uma publicação na rede social *Facebook* e um texto produzido por uma graduanda em Letras.

A seguir, serão discutidos casos em que a vocalização do fonema /l/, ou seja, sua pronúncia como [w] ocasiona a formação de um ditongo. Aparentemente, esse comportamento fonético pode interferir na grafia, quando o grafema <l> é substituído por <u>. Como se destacou no início deste capítulo, foram encontradas nove (9) ocorrências de

ditongação diante de /l/ em coda silábica (cf. Tabela 1). Elas se apresentaram nos gêneros: i) textos produzidos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental (5); ii) *status* e conversa da rede social *Whatsapp* (3); e iii) publicação na rede social *Instagram* (1). Contemplam, enfim, seis itens: “mal” (2), “alto” (1), “salgadinho” (1), “estatal” (1), “revoltas” (1) e “solte” (3).

Encontram-se duas ocorrências do item “mal” grafado como <mau>. A primeira em uma produção textual de um discente do sexto ano do Ensino Fundamental e a segunda em um *status* da rede social *Whatsapp*. À semelhança do exposto para “pôs” e “pois” e “mas” e “mais”, “mal” e “mau” são homônimos heterógrafos no português, o que pode contribuir para desvios ortográficos. Nesse caso, a vocalização do fonema /l/ se manifesta em um monossílabo tônico e sucedendo a vogal silábica baixa central /a/.

A ditongação no dissílabo <auto>, também se manifesta diante da vogal tônica central baixa /a/ e pode ser relacionada ao fenômeno da homonímia. Neste caso, parecem se confundir o adjetivo ‘alto’ e o substantivo ‘auto’, pois ambos podem coincidir na pronúncia, ainda que, oficialmente, se distingam na grafia. Por se tratar de um exemplo extraído de um gênero textual menos monitorado, a preocupação com a escrita padrão pode não ser tão intensa e, por conseguinte, a confusão entre os termos tende a ser mais provável.

Depois, tem-se o processo de ditongação acontecendo após a vogal pretônica baixa central /a/, em um polissílabo e em um trissílabo. Ocorre, todavia, em posições diferentes nas palavras. Na primeira, a vocalização do /l/ – e, por conseguinte, a inserção do grafema <u> – se instaura na primeira sílaba do vocábulo “salgadinho” (sau-ga-din); na segunda, a inserção da semivogal instaura-se na última, encerrando o item “estatal” (es-ta-tau). Ambas as ocorrências estão inseridas em gêneros textuais que circulam virtualmente. Neles, parece haver uma menor preocupação com o monitoramento linguístico.

Por fim, há o processo de ditongação sucedendo a vogal tônica média-baixa /ɔ/. As ocorrências são exemplos de textos escritos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental. Na primeira, a ditongação ocorre na segunda sílaba do trissílabo “revoltas” (<re-vou-tas>); na segunda, o fenômeno ocorre na primeira sílaba do dissílabo “solte” (<sou-te>), cuja grafia se distancia da oficial três vezes, no mesmo texto.

No caso da consoante lateral /l/ em posição final de coda, sua realização se dá como uma vogal alta posterior de menor duração, se tornando, portanto, um *glide* [w]. No travamento silábico do arquifonema /S/, tanto as pronúncias chiantes [ʃ, ʒ] quanto as sibilantes [s, z] interferem na produção fonética do falante, motivando a inserção de uma

semivogal [j] depois do núcleo vocálico e antes da coda. Tais metaplasmos parecem acarretar desvios na transcrição gráfica dos fones em questão.

Considerações finais

Esta pesquisa visou a analisar o impacto de processos fonético-fonológicos na escrita não-padrão, com a inserção da letra <i>, em sílabas travadas por /S/, e a representação do fonema /l/ como <u>. Em diversos dialetos do PB, tais contextos se revelam suscetíveis à formação de ditongos orais decrescentes. Pretendeu-se demonstrar a interferência desse comportamento no plano ortográfico, tendo em vista um *corpus* que incluiu 17 dados, sendo 9 deles coletados da esfera virtual e 8 retirados de textos escritos por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental e uma aluna do Ensino Superior.

Em presença de /S/, a ditongação se mostrou mais frequente em monossílabos tônicos, já que dos oito (8) dados encontrados, sete (7) remetem a esse ambiente. O único vocábulo destoante na amostra foi "desfez", item derivado de um monossílabo em que a ditongação se apresentou ("fez"). Em sílabas travadas por /l/, esse fator não é tão influente, já que o grafema <u> manifestou-se em itens monossílabos ("mal"), dissílabos ("alto", "solte"), trissílabos ("estatal", "revoltas") e polissílabos ("salgadinho"). Dessa forma, a quantidade de sílabas não se mostrou influente, mas a tonicidade sim, visto que desses seis (6) itens, apenas um não apresentou a vocalização em sílaba tônica ("salgadinho"). Sobre a natureza da vogal, os dados de ditongação diante de /S/ se apresentaram em sílabas cujo núcleo é preenchido por /a/ (1), /e/ (4), /ɔ/ (2) e /o/ (1), enquanto aqueles relativos à consoante /l/, se limitaram a sílabas nucleadas por /a/ (5) e /ɔ/ (4).

Cabe salientar que a ditongação em sílabas travadas por /S/ e por /l/ se acentuou nas produções do discente do sexto ano, nos *status* ou conversas do *Whatsapp* e nas publicações em redes sociais (*Facebook* e *Instagram*). Nos dois últimos contextos, a monitoração linguística parece não exercer um papel tão influente. Já no primeiro, o nível de letramento do indivíduo parece ser o fator motivador, por contrastar com o único registro de ditongação em textos de nível de escolaridade superior. A escassez de dados desse nível de letramento (1), em comparação com a quantidade encontrada nos textos do indivíduo menos letrado (6), indica que, nesse último perfil, haveria uma maior probabilidade de a escrita refletir a fala.

Embora reconheça-se que a pesquisa observou uma amostra pequena, o *corpus* indica, todavia, a influência de metaplasmos na grafia não convencional, refletindo, asism, um

espelhamento entre letras e sons no PB. A análise dos registros encontrados sugere que a escrita de vocábulos sofra alteração tanto de processos fonético-fonológicos, quanto da falta de isomorfismo entre os sistemas fonético, fonológico e ortográfico, gerando equívocos, visto que um fonema/fone pode apresentar mais de uma forma gráfica, assim como uma letra pode ser realizada por diferentes sons. Essa problemática colabora para a primazia da escrita sobre a fala, posto que, por vezes, a segunda é interpretada como o espaço da espontaneidade e do caos, enquanto a primeira é tida como o lugar da organização e do perfeccionismo.

Por fim, os resultados encontrados reforçam os de outros estudos já realizados sobre vocalização de /l/ em coda silábica e sobre a ditongação em sequências travadas por /S/. Embora haja pesquisas a respeito de metaplasmos e, também, das relações que se estabelecem entre fala e escrita (LEIRIA, 2000; AQUINO, 2004; MELLO, 1994), ainda há poucos trabalhos que se debruçam sobre o impacto dos processos fonéticos, sobretudo da ditongação, no código escrito. Dessa forma, almeja-se ampliar o *corpus* desta pesquisa, tendo em vista outros processos fonético-fonológicos e propostas que discutam o preconceito linguístico contra comunidades de fala menos letradas, em que a probabilidade de se encontrarem palavras escritas mais próximas de palavras fonéticas se acentua.

Referências

- AQUINO, M. F. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. *In*: HORA, D. da (org.). **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Palloti, 2004, p. 45-54.
- BISOL, L. **Ditongos derivados**. Brasília: D.E.L.T.A – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 1994, p. 123 -140.
- BISOL, L. Introdução à teoria fonológica. *In*: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2001, p. 11 - 89.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 1998; 2007.
- CALLOU, D. Um perfil da fala carioca. *In*: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (org.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 145-146.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1977 [1970].
- COLLISCHONN, G. A vocalização de L. *In*: BISOL, L.; BATTISTI, E. (org.) **O Português Falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 89-104.

- KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- LEIRIA, L. L. **A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/**. Porto Alegre: Organon, 2000.
- LEMLE, M. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1982.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MELLO, V. H. D. **Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha**. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada)) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- QUEDNAU, L. R. **O acento na evolução do latim clássico para o latim vulgar**. Londrina: Revista Signum – Estudos da Linguagem, 2004, p. 123-147.
- REY-DEBOVE, J. À procura da distinção oral/escrito. In: CATACH, N. (org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996, p. 75-90.
- ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório. São Paulo: Editora Parábola, 2016.
- SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer**: Fonética e Fonologia do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987, p. 31-79.

Resumo: Esta pesquisa visa a analisar o impacto de processos fonético-fonológicos na escrita não-padrão do português do Brasil, focalizando sílabas cuja segunda posição de coda é preenchida pelo arquifonema /S/ ou pelo fonema /l/. Almeja-se verificar a inserção da letra <i>, em sílabas travadas por /S/, e a representação do fonema /l/ como <u>, naquelas por ele finalizadas. O *corpus* inclui 17 dados, coletados de produções que circularam no domínio virtual e outras escritas por um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental e por uma graduanda em Letras. Sua descrição considerou as variáveis gênero textual, extensão do vocábulo e tonicidade da sílaba. Em presença de /S/, a inserção de <i> na grafia foi mais saliente em monossílabos tônicos. Em coda preenchida por /l/, a tonicidade se destaca. Finalmente, a relação entre fala e escrita se acentuou nos textos do discente menos letrado e nas publicações virtuais.

Palavras-chave: Fala; Escrita; Ditongação; (Arqui)fonemas /S/ e /l/.

Abstract: This research aims to analyze the impact of phonetic-phonological processes in the non-standard Brazilian Portuguese, on syllables whose second coda position is filled by the archiphoneme /S/ or by the phoneme /l/. The aim is to verify the insertion of the letter <i>, in syllables blocked by /S/, and the representation of the phoneme /l/ as <u>. The corpus includes 17 pieces of data, collected from productions in the Internet and others written by a student in the 6th year of Elementary School and by an undergraduate student in Letters. They were described considering the variables textual

genre, word length and syllable stress. In the presence of /S/, the insertion of <i> is more likely to occur in stressed monosyllables. In a coda filled by /l/, the stress stands out. Finally, the relationship between the two linguistic modalities stood out in the texts produced by the less literate student and in virtual publications.

Keywords: Speech; Writing; (Archi)phonemes /S/ and /l/.

Recebido em: 3/11/2024.

Aceito em: 1/12/2024.